

**Fenômeno Turístico e Fórum Social Mundial – um Estudo da Hospitalidade do
“Encontro” nas Práticas Turísticas¹**

Maria de Fátima Mussi Carneiro Monteiro²

Centro Universitário Franciscano (UNIFRA)

Resumo

O presente trabalho, no contexto dos “acontecimentos” do FSM; das práticas da hospitalidade e da sustentabilidade; bem como à luz do campo conceitual da antropologia simbólica e filosófica, é uma proposta de discussão em torno do objeto de estudo do fenômeno turístico, a saber: o “encontro” entre viajante/turista e nativo/anfitrião num singular deslocamento do espaço no tempo, utilizando a transposição teórico-metodológica das vivências relativísticas da prática do etnógrafo em sua experiência com o *outro* como um recurso para a conformação do campo conceitual do “encontro” entre viajante e nativo/anfitrião nas experiências turísticas.

Palavras-chave: Práticas Turísticas; Práticas Etnográficas; Hospitalidade Incondicional.

*“... maneiras de viver o tempo, de ler o texto ou de ver as imagens.
Aquilo que uma prática faz com signos pré-fabricados.
Lá se produzem mobilizações e estagnações (...): derrubamentos, deslocamentos ou enrijecimentos
de mentalidades;
permanências de comportamentos tradicionais sob sua metamorfose exterior,
ou mudanças de seu sentido apesar de sua estabilidade objetiva;
derivado de ‘valores’ inseridos na vida de um grupo sem que ele os explicita.
O mensurável encontra por toda a parte, nas bordas, esse elemento móvel.
O cálculo aí entra (fixando um preço para a morte de um homem, de uma tradição ou de uma
paisagem), mas se perde. Em nossos mapas isso se chama cultura”.*
(De Certeau, *A cultura no plural*)

¹ Trabalho apresentado ao GT 14 - Epistemologia e Pesquisa do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Professora na Curso de Turismo do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) de Santa Maria/RS; Graduação em Ciências Sociais (Bacharelado e Licenciatura) na PUC/RS; Especialização em Educação na área de Ensino no Curso de Pós-Graduação de Educação/UFRGS, Mestrado em Antropologia Social no Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS. Endereço eletrônico: fmonteiro@unifra.br

O início da nossa conversa posiciona, desde a epígrafe, o campo semântico da Antropologia onde situaremos o *diálogo* entre a Antropologia e o Turismo enquanto dois campos diferentes científicos – o primeiro, que estuda as práticas sociais nas suas diferentes representações simbólicas; o segundo, que prepara uma prática social (a prática turística) em torno de um *encontro* que é *muito caro* ao exercício etnográfico do antropólogo, qual seja: o *encontro* entre o estrangeiro (etnógrafo/turista) e o nativo (comunidades culturais/comunidades turísticas).

A conversa entre a Antropologia e o Turismo, nesse escrito, encontra a possibilidade do diálogo nos diferentes *fios que tecem* a rede complexa da sustentabilidade que se constitui e se solidifica no contexto de um pensamento ecológico que se excludente gera a morte – na ecologia, a morte do planeta; na cultura, a morte das comunidades culturais e étnicas; como, também, encontra a possibilidade de diálogo nas discussões que o filósofo Lévinas fez em torno da “hospitalidade incondicional”.

A Antropologia, assim como o Turismo, tem na experiência da *viagem* ao “mundo do *outro*” um campo de sistematização de suas ciências; deslocam-se, ambas, na direção de um *encontro* que tem na experiência da alteridade a força das trocas simbólicas que se realizam numa prática de hospitalidade e acolhimento (e, do retorno, hóspede e hospedeiro, terão, dentro de si, algo a mais, para trocar com outros).

A prática etnográfica com seu método de observação participante demonstrou e apontou, desde B. Malinowski, as armadilhas perversas do etnocentrismo que justificou (e ainda justifica!) as diversas formas de racismo – racial, étnico, sexual, econômico... E demonstrou, sobretudo, porque da *viagem* do etnógrafo ou do turista ao “mundo do *outro*” o exótico, o estranhamento, o espanto são registros que mais se repetem nos escritos de seus diários de campo.

O etnógrafo é o *viajante*, que através de sua prática científica estrutura, organiza e sistematiza o campo da Antropologia, qual seja: o campo das práticas simbólicas que singularizam cada comunidade cultural – comunidades étnicas, comunidade de gênero, comunidades religiosas, *tribos* urbanas (Maffesoli, 1978), etc. Sua tarefa é dar visibilidade (Antropologia Aplicada) ou demonstrar a singularidade que identifica uma dada comunidade através das diferentes formas da inteligibilidade de mundo dos nativos (visão

de mundo); através de seus valores, de suas sensibilidades diante do mundo, de seus costumes, de seus hábitos (*ethos*).

Já os profissionais das práticas turísticas não são os *viajantes*; todavia eles preparam, com seu saber-fazer – seja ele técnico ou técnico-científico –, o *encontro* entre o estrangeiro (o turista) e o nativo (a comunidade turística local). Assim que, aqueles que trabalham com as práticas turísticas, conscientemente ou não, estão submetidos à tensão do *fenômeno do encontro* que tem na heterogeneidade social e na diversidade cultural o eixo estruturante e organizador das práticas turísticas e, portanto, uma razão suficiente para serem tratadas com a delicadeza da técnica e da ciência.

Quem é o Turista? Quem é a comunidade turística?

Quem é o etnógrafo? Quem é a comunidade local?

Tais interrogantes configuram um espaço de problema técnico e científico que os profissionais das práticas turísticas e os etnógrafos deverão, sempre, ter que considerar para o exercício de uma Antropologia ocupada com a construção da dignidade humana e de um Turismo que tem no paradigma da Sustentabilidade e da Hospitalidade a base de suas estratégias e ações.

Práticas Turísticas e a Hospitalidade Incondicional

*“Tudo o que não é o “nosso mundo” não é ainda
“um mundo”. Não se faz “nosso” um território senão
“criando-o” de novo, quer dizer, consagrando-o.”*
(Eliade, O sagrado e o profano, p.34)

É no espaço das experiências das práticas turísticas preparadas para o “encontro” entre estrangeiros/nativos, estrangeiros/estrangeiros do FSM que, na trilha de Derrida quando recupera Lévinas, a “hospitalidade incondicional” será abordada sob a tensão de uma *midioética*, ou seja, será abordada nos contornos de uma “política da técnica”³ que interroga, eticamente, a interação entre cultura e técnicas de transmissão.

A presente proposta de discussão é um estudo antropológico em torno das sofisticadas técnicas e processos de produção, de transmissão e de recepção do *imaginário ético* do Fórum Social Mundial submetido a duas matrizes conceituais, quais sejam: a do

³ Ver DEBRAY, 1995:145.

filósofo da comunicação, Régis Debray, e a da antropologia da imaginação simbólica de Gilbert Durand.

Situa-se assim o estudo nos contornos das técnicas de transmissão e recepção das informações e imagens que, na esteira de Leroi-Gourhan⁴, diz respeito ao “corpo de conhecimentos de um grupo” e, ainda na posição do autor, é o “elemento fundamental de sua unidade e da sua personalidade”.

Assim, é no plano constituído pelas atitudes do corpo ou pelos gestos habituais da comunidade do Fórum Social Mundial (ritos, comportamentos coletivos, usos, etc.), assim como no plano das representações dessa comunidade, que será investigado algumas grandes constantes que singularize o *imaginário* ético do Fórum Social Mundial.

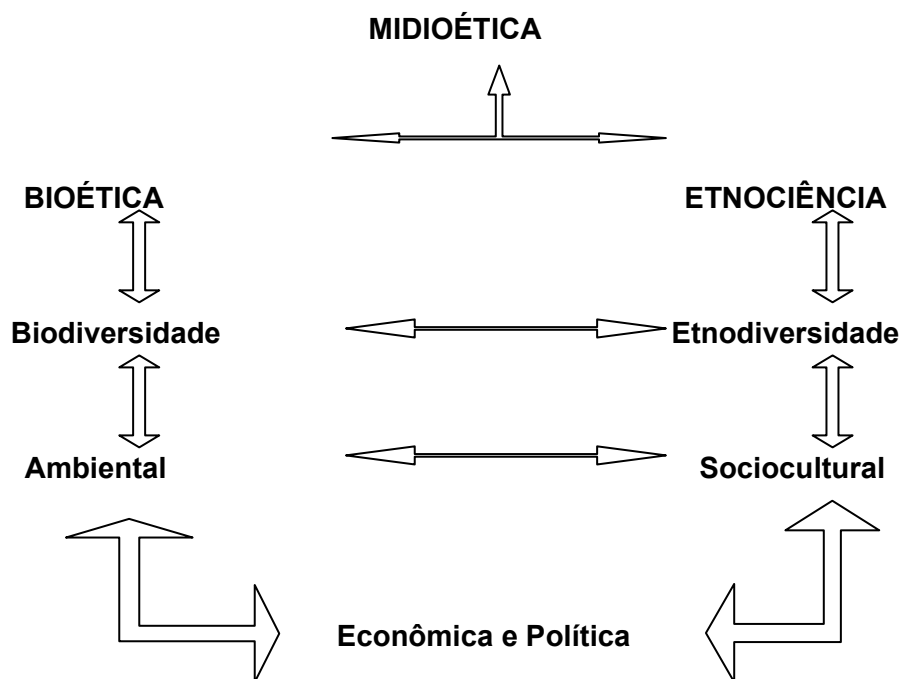
A inscrição desse “capital de conhecimentos”, no caso do presente estudo, estará vinculada à transmissão das técnicas de informações que “ins-creve” o texto (ou o hipertexto) da “memória coletiva” conformadora desse “território mental”, assim como a aprendizagem (*recepção*) desse “corpo de conhecimento” estará subordinada, nos termos de De Certeau⁵, a “um processo iniciático veiculado à prática mítica” da nova ordem planetária que esse evento inaugura.

Situa-se, portanto, o estudo do campo das “manifestações midiológicas” na tensão de uma “dialética cruzada” entre cultura e estruturas técnicas de transmissão, bem como se aloca a etnografia das práticas sociais, experienciadas entre os participantes do Fórum Social Mundial, nessa tensão.

O esquema a seguir apresenta o campo das manifestações midiológicas na tensão do paradigma da sustentabilidade das práticas turísticas.

⁴ Cf. LEROI-GOURHAN, 1987: 59.

⁵ Cf. DE CERTEAU, 1998: Cap. X.



É no campo da atividade turística, que *prepara e cuida* o “viver-junto-com”⁶ do Evento, que será abordado, na interação entre cultura e técnica de informação, as práticas sociais dos participantes do FSM. (As tecnologias do acolhimento como transmissão – público/privado/comunidades – a preparação do encontro – pensando no Outro)

Assim como, é no território dos acontecimentos do FSM, no percurso dos estudos de Régis Debray e desde Lévi-Strauss, que a eficácia simbólica dessas práticas turísticas em torno da des-coberta de “um *outro* mundo possível”, será perseguida enquanto objeto de estudo da pesquisa dessa proposta. (o encontro – vivendo com o outro)

Ou seja, em função de entender o processo pelo qual os signos tornam-se mundo ou como determinadas formas simbólicas tornam-se forças materiais e configuram um determinado “território mental”, estudaremos, através dos gestos e dos comportamentos sociais dos participantes do FSM, a eficácia simbólica desse “Evento de Linguagem”⁷.

⁶ Cf. o conceito de estética apresentado por M. Maffesoli.

⁷ Valho-me da compreensão de Vattimo quando vincula o conceito de evento ao campo da linguagem, diz ele: (...) “na linguagem que se desenrola a familiaridade original com o mundo, que constitui a não-transcendental, mas sempre historicamente finita e “situada” condição de possibilidade da experiência.” VATTIMO, 1996: 58

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

DE CERTEAU, Michel *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1998a.

_____. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995.

DELEUZE, G. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

CLIFFORD, James Y MARCUS, George E. (Eds). *Retóricas de la Antropología*. Madrid, Serie Antropología, Jucar Universidad, 1991 (1ª edição: University of California Press, 1986).

DÉBRAY, R. *Manifestos Midiológicos*. Petrópolis: Vozes, 1995.

DUMONT, Louis *Ensaio sobre o individualismo, uma perspectiva antropológica sobre a ideologia moderna*. Lisboa,: Publicações Dom Quixote, 1992.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário. Introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. *Science de l'homme et tradition, le nouvel esprit anthropologique*. Paris: Berg International, 1979.

ELIADE, Mircea *El mito del eterno retorno – arquetipos y repetición*. Madri: Alianza Editorial, 1998.

_____. *O sagrado e o profano – a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ELIAS, N. *O processo Civilizador, vol 2: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

FOUCAULT, Michel *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GEERTZ, Clifford *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. *Tras los hechos – dos países, quatro cidades e uno antropólogo*. Barcelona: Paidós, 1996.

IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL
Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Turismo
Caxias do Sul, RS, Brasil – 7 e 8 de Julho de 2006

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Ed. dos Tribunais, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

LEROI-GOURHAM, André *O gesto e a palavra – 1 – técnica e linguagem*. Edições Lisboa, 70, 1985.

_____. *O gesto e a palavra – 2 – memória e ritmos*. Edições Lisboa, 70, 1987.

LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Nacional, 1976.

_____. *Triste trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1981.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. São Paulo: Papyrus, 1994.

_____. *Tempo e narrativa* (tomo I). Campinas: Papyrus, 1994a.

_____. *Tempo e narrativa* (tomo II). Campinas: Papyrus, 1995.

TOURRAINE A. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

VATTIMO, G. *O fim da modernidade – niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.